

# Crise é alerta para urgência das reformas

GAZETA MERCANTIL

04 NOV 1997

Preocupação com o rumo da economia em 1998

A preocupação do empresariado nacional – depois da semana turbulenta que sacudiu o mercado financeiro mundial na semana passada e ameaçou o plano de estabilização econômica brasileiro – não é com o curtíssimo prazo. As atenções estão voltadas para o próximo ano. As reformas administrativa, tributária e da Previdência terão de ser aceleradas para dar estabilidade à economia brasileira e evitar medidas duras de contenção, como a violenta elevação dos juros na semana passada, disse ontem, em São Paulo, Rinaldo Campos Soares, presidente da Usiminas, reconduzido em 1997 como Líder Empresarial Nacional nas eleições



promovidas pela revista Balanço Anual.

Soares considerou que a elevação das taxas de juro foi uma medida necessária, que o governo precisou adotar para contornar a situação de turbulência que viveu o mercado financeiro nacio-

nal. Mas alertou: "São medidas que terão de ter caráter momentâneo, porque os agentes econômicos do País não terão condições de suportá-las por muito tempo".

Este parece ser o consenso dos líderes empresariais, eleitos no âmbito de seus estados e setores, reunidos ontem em São Paulo. Para o setor industrial, as vendas de final de ano não deverão ter uma queda maior do que aquela que já estava sendo sinalizada pelo grau de inadimplência dos consumidores de baixa renda. "Nós não vamos embutir a alta de juros nos preços. A indústria vai dividir com o comércio e o consumidor o impacto da alta das taxas e seu efeito ficará diluído", afirmou Hugo Miguel Etchenique, presidente do grupo Brasmotor.

A duração do aperto monetário é a maior preocupação dos bancos neste momento. Para o presidente do Itaú, Roberto Setubal, "se houver um período de mais de três meses de taxas altas de juros, não só a carteira dos bancos vai sofrer, mas toda a economia". Ele lembrou, entretanto, que a alta da semana passada significa um "tranco" menor na atividade econômica do que as restrições ao crédito que vigoraram durante o ano de 1995. "O cenário é totalmente diferente, naquela época tínhamos uma economia excessivamente aquecida e houve um aperto de liquidez muito forte."

Cautelosos quanto ao final do ano, os empresários do comércio estão mais apreensivos com as perspectivas para o final de ano e o início de 1998. "Não acredito que o mercado possa piorar por muito tempo", afirmou Alair Martins, presidente da Martins Comércio e Serviços de Distribuição Ltda. ■ (Págs. A 4, 5 e 6)